

Uma questão de verdade

Claudio Castelo Filho,¹ São Paulo

Resumo: Por meio de vinhetas clínicas, de algumas experiências pessoais e do relato de Maryse Choisy de seu encontro com Freud, o autor ressalta a importância do analista ser franco e verdadeiro em seu trabalho. Considera questionável a necessidade de poupar o paciente daquilo que possa perceber e de só vir a comunicar quando considerar que o analisando estiver “pronto” para ouvir. Relaciona essa postura àquela da Censura Federal no tempo da ditadura que decidia o que poderíamos ou não saber ou àquela de pais que não dizem ao filho que ele foi adotado ou a de médicos e familiares que não contam que alguém está com uma doença terminal porque ela não suportará saber, surrupiando a autonomia do indivíduo. Propõe, usando do conceito de tropismos colocado por Bion, que a análise só é realmente viável para aqueles pacientes em que o tropismo para criar e ser criado sobrepõe-se ao de assassinar e ser assassinado. Em suas próprias palavras, que a análise só evolui naquelas pessoas que têm um defeito de nascença: uma necessidade de verdade mesmo que à revelia de si próprias. Sua experiência pessoal explicita que aqueles que tem isso em si permanecem em análise por muitos e muitos anos, sempre em busca de algo novo, mesmo que isso gere espécie. Desenvolvem igualmente uma resiliência para não se dobrarem a exigências grupais e familiares, permitindo-se levar uma vida em que se sentem mais confortáveis nas próprias peles.

Palavras-chave: autonomia, verdade, tropismos, resiliência, consideração por si mesmo

1 Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Psicólogo pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), doutor em Psicologia Social e livre docente em Psicologia Clínica pela USP, editor da *Revista Brasileira de Psicanálise* (2021-2024). Autor dos livros *O processo criativo: transformação e ruptura*; *A psicanálise do vir a ser*; *Os (des)caminhos de Édipo: a resposta é o infortúnio da pergunta*; Co-autor e organizador do livro *Sobre o feminino*. Todos pela Editora Blucher. Também é autor de capítulos de livros e artigos publicados no Brasil, Itália e Estados Unidos. Artista plástico, pintor e desenhista, com exposições e publicações no Brasil, Inglaterra e Alemanha (instagram @claudiocastelofilhopinturas).

*Preocupe-se com o que os outros pensam
e você será sempre prisioneiro deles.*

(Lao Tsé)

A ação apropriada para os tropismos é a busca. Considerarei que se possa pensar essa atividade como relacionada ao assassinato, parasitismo, e criação - os três tropismos. Considerando-se dessa maneira, os tropismos são vistos como produzindo a busca em 1) um objeto para assassinar ou pelo qual ser assassinado, 2) um parasita ou um hospedeiro, 3) um objeto para criar ou por meio do qual ser criado. Porém, tomados como um todo, não individualmente, a ação apropriada para os tropismos no paciente que vem para tratamento é a busca por um objeto no qual a identificação projetiva é possível. Isso se deve ao fato de que em um tal paciente O tropismo de criação é mais forte do que o tropismo para assassinar.

(W. R. Bion, *Cogitations*)

Não pode haver resultado genuíno se a base for a falsidade.

Portanto, o resultado depende de quão perto a avaliação interpretativa se aproxima da verdade. Tanto o psicanalista quanto seu analisando dependem dos sentidos, mas as qualidades psíquicas, com as quais a psicanálise lida, não são percebidas pelos sentidos, mas, tal como diz Freud, por alguma contraparte dos órgãos dos sentidos que ele atribuiu à consciência. Sem querer descartar essa possibilidade, prefiro considerá-la como uma questão em aberto e substituí-la por um postulado mais geral que eu represento por O. Colocando em termos mais populares, eu diria que quão mais 'real' for o psicanalista mais ele pode estar em uníssono com a realidade do paciente. E, ao contrário, quão mais ele depender de eventos factuais, mais ele se apoiará em pensamentos que dependem de um substrato de impressões sensoriais.

(W. R. Bion, *Attention and Interpretation*)

Na academia em que faço ginástica, eu conversava com um conhecido que fazia um intenso e extenuante treino de step num aparelho. Comentou que um ortopedista renomado havia lhe dito para não subir escadas e tampouco correr pois seus ossos estavam ameaçados pelo excesso e em processo de fadiga (já tendo sofrido fratura por exagero nos exercícios tempos antes) e que se prosseguisse poderia ser incontornável uma ou mais cirurgias. “Troquei de médico!”, respondeu. “Fui atrás de outro que me deixou fazer o que eu achava certo!”

Outro conhecido me contou que tinha deixado de ir ao seu ortopedista porque ele recomendara colocar gelo numa articulação que estava problemática. Disse que o médico era estúpido, pois o que realmente o ajudava era imergir em água quente, quase fervendo.

Uma pessoa me procurou para análise. Iniciou o processo e cerca de dois meses depois me contou algo que tinha mantido para si. Antes de me ligar pela primeira vez havia recebido duas indicações: o meu nome e o de outro terapeuta. Procurou no Google e encontrou entrevistas com os dois. Resolveu que não ia me procurar, pois me vira como alguém muito assertivo e preferia encontrar com o analista que aparentava ser “fofinho” e que não iria perturbá-la. Sem se dar conta, contudo, ligou para mim e veio para a entrevista. Deparou-se com minha pessoa e viu que havia feito a troca. Não obstante quis iniciar o trabalho comigo e somente depois do tempo mencionado relatou esse episódio. Indagou-se o que teria feito com que ficasse. Eu disse que ela própria havia “passado a perna” em si. Que algo seu que necessitava de algo direto e verdadeiro sobrepujou o seu desejo de não ser incomodada. Havia em si uma necessidade de verdade à revelia de si mesma. Ela anuiu e o trabalho prosseguiu muitos e muitos anos com grande proveito.

Outra pessoa me procurou para iniciar uma análise depois de dois anos da primeira entrevista. Disse que após aquele primeiro encontro resolvera procurar outro analista pois eu havia feito uma pequena observação após o seu relato que a havia deixado bastante pensativa e mobilizada. Efetivamente iniciou outra análise com alguém que não lhe tirava o sossego, mas após esse tempo, deu-se conta que tampouco nada mudara em sua vida e, tendo isso em vista, resolveu me procurar

novamente por verificar que era vital que algo pudesse mudar e achava que isso poderia ser possível caso tivesse alguém que lhe tirasse da zona de conforto. E assim prosseguimos.

Um importante homem de negócios, em sua entrevista, disse-me que queria que eu decidisse se ele ficava ou não com uma namorada. Disse-lhe que não tinha nenhuma pretensão de ter capacidade para lhe ajudar em tal demanda e, muito menos, de poder decidir por ele o que lhe convinha ou não. Entretanto, considerava que poderia lhe ser útil pensar sobre algo que eu achava grave e de consequência para sua vida: ele atribuir a outra pessoa a responsabilidade para decidir por ele o que devia fazer de sua vida. Sem alcançar o que lhe comuniquei sugeri que no próximo encontro viesse com uma procuração com todos os seus bens enumerados, dando-me plenos poderes para administrá-los do jeito que eu achasse melhor. Ele achou que seria um absurdo. Então retruquei dizendo que era algo similar que ele me propunha quando esperava que eu decidisse sua vida amorosa. Daquela maneira ele se posicionava como uma criança pequena que deixava para um adulto decidir o que seria melhor para ele. Se ele fosse mesmo um menino e eu seu pai, isso seria pertinente, pois às crianças falta experiência de vida e os pais são mesmo autoridades para elas. No entanto, ele era um homem maduro e ao me ver em tal função, não se dava conta da gravidade que aquilo era. Este sim, era um problema analítico do qual poderíamos nos ocupar, mas não eu decidir se ele ficava ou não com alguém que sequer eu conhecia. E algo que poderia ser bom e conveniente para mim, poderia ser péssimo para ele. Não obstante, apesar de me dar razão, disse que o que queria mesmo é que eu decidisse aquela questão. Argumentei que então ele deveria procurar um padre, rabino, pastor, ou algo similar, pois não me propunha a assumir tal responsabilidade. Se ele viesse dar sentido ao que lhe comuniquei, que poderia voltar a me procurar. E ele foi embora.

Contato com a realidade não é bem-vindo porque tende não somente a mostrar que um elemento não é saturado, mas também a saturá-lo de modos que são dolorosos para a personalidade.

(Bion, 1970a, p. 68)

Outro cliente diversas vezes saiu do meu consultório furioso por considerar que eu deveria analisá-lo de forma diversa daquela que eu fazia. Eu lhe disse que era ele que havia me procurado por ter percebido que seu próprio modo de funcionar não deveria estar sendo útil para si, pois caso estivesse, não teria vindo. Todavia, esforçava-se para que eu adotasse seus modos que não atendiam suas necessidades, sendo que eu não estava insatisfeito com meu modo de agir e havia quem estivesse contente com aquilo que eu fazia. Eu não tinha ido até sua casa para atendê-lo, ele que tinha vindo até mim e queria decidir em minha casa como eu deveria funcionar. Isso poderia lhe esclarecer muito dos imbróglis relacionais de que se queixava.

“Você é um ditador e não percebe que funciona de um modo absurdo! Não percebe como é inadequado!”. Várias vezes gritou vendo que não me dobrei às suas exigências e me mantive fiel a mim mesmo. Ponderei que se achava aquilo de mim, que mais insensato seria ele insistir em ficar com alguém de quem pensava isso.

– Você está me mandando embora?

– De forma alguma – respondi – só estou lhe chamando a atenção para a incongruência interna das suas demandas e penso que isso é uma questão que merece seriamente sua atenção.

Um três vezes ele saiu da sessão enfurecido e mandou recado que não voltava mais. No dia seguinte escrevia indagando se ainda tinha seus horários e eu disse que sim. O trabalho retomou e ele foi se dando conta de como foi importante eu ter resistido às suas pressões, levando-o a perceber a complexidade e a problemática do seu modo de agir e pensar. Disse-lhe que ele forçava as pessoas de suas relações a produzir os personagens que ele desejava encontrar e depois ficava devastado ao se deparar com a realidade de quem elas eram. Também abria brecha para ser enganado por pessoas espertas que produziriam aquilo que ele queria ver para se aproveitarem de seu engano, e depois se queixava das rasteiras que levava de quem menos esperava.

Se uma análise é para auxiliar uma pessoa a se encontrar consigo mesma, o analista precisa estar em conformidade e respeitar aquilo que ele mesmo é. Como ele poderia ajudar uma pessoa a se encontrar

consigo mesma, seja lá o que isso venha a ser, se ele próprio encarna um personagem que não frustra expectativas alheias e tenta se encaixar naquilo que é dele esperado. Isso implica também em expectativas sociais do que seria “normal” e “adequado”. Deparo-me com caricaturas de psicanalistas (até no modo de se vestir e nas posturas) em que a pessoa corresponde a um ideal dessexualizado, imperturbável, “sublime-ado”. O padrão é de cunho religioso, em que o psicanalista deveria ser uma espécie de paradigma de “cidadão de bem”: um modelo de criatura edulcorada, que toma o lugar de uma existência real. Paradoxalmente, só considero serem realmente capazes de compaixão, respeito e amor real por terceiros aqueles que tenham real respeito e consideração por aquilo que são, não importa o que isso venha a ser.

Talvez possa depender, também, se a personalidade do analista permite que o paciente o coloque no lugar de seu ego ideal, o que envolve a tentação para o analista de interpretar o papel de profeta, salvador, ou redentor do paciente. (Freud, 1923/1978, p. 50)

Com alguns pacientes que tendem a me ver de forma idealizada, costumo brincar:

– Você não reparou que eu não piso no chão? Eu flutuo da porta até minha cadeira! Comer? Claro que não, alimento-me de néctar de ambrosia como os deuses olímpicos. Sexo? Sexualidade? Irritação? Isso é para os míseros mortais...

Para as pessoas que começam a fazer suas formações na SBPSP e que se veem intimidadas pela suposta sacralidade do local, destaco que temos mesmo um problema pois nossa sede está no topo do Edifício Olympic Tower, na Vila Olímpia!!! O problema mais grave é que muitas pessoas que entram para a formação o fazem na expectativa de se tornar algo à parte, algo sobre-humano e superior, e se suas análises não puderem mostrar essa grave dificuldade podem vir a se portar como se efetivamente fossem deuses olímpicos ou semi-deuses.

não há postulante à análise que não tema os elementos psicóticos nele existentes e não creia poder atingir um ajustamento satisfatório, sem que se analisem esses elementos. Uma solução desse problema é particularmente perigosa para quem estiver engajado em dar formação: o indivíduo busca lidar com dito medo tornando-se candidato, de sorte que o fato de ser aceito para formação possa ser tomado como um atestado oficial de imunidade passado por aqueles que melhor se qualificam para sabê-lo. Com a ajuda do próprio psicanalista, poderá seguir fugindo de se defrontar com o seu temor e terminar por vir a ser um pseudo-analista. Devido à identificação projetiva (na qual não acredita), sua qualificação como analista consiste na capacidade de se vangloriar de se haver libertado da psicose – motivo por que menospreza os pacientes e os colegas. (Bion, 1967, pp. 143-144)

Em 1988, eu estava em um seminário clínico da SBPSP com Frank Julian Philips, britânico e didata de nossa sociedade que havia sido analisado por Melanie Klein e por Bion. Uma colega lhe disse: “Professor Philips, meu maior sonho é virar psicanalista!”, ao que ele retrucou do modo direto que lhe era peculiar: “Então não é sonho! É pesadelo”. Entendi que Philips lhe comunicava que seria um desastre ela virar esse personagem “psicanalista” em vez de ser ela mesma que poderia exercer a profissão de psicanalista.

Intérprete: Gostaria de saber o que significa “kleiniano”.

Bion: Você é otimista. Mesmo a senhora Klein não sabia o que isso queria dizer – e ela protestava ao ser chamada de kleiniana. Mas, tal como Betty Joseph disse para ela, “Tarde demais – você é kleiniana quer queira ou não”. E não houve nada que ela pudesse fazer. Portanto – a despeito de aspirarmos o respeito pelo indivíduo, o fanatismo empina sua cabeça novamente...

(Bion, 1980, p. 86)

Um cliente muito angustiado e atormentado desejava, com a análise, tornar-se uma pessoa simpática, generosa, altruísta e amada por todos que conhecia, como considerava diversas pessoas que admirava. Procurei mostrar-lhe que diante de tal exigência ele não tinha como

não ficar atormentado e angustiado, visto que não havia espaço para ele mesmo existir. Não haveria tampouco a chance de ele ser efetivamente amado, pois mesmo que constituísse o tal personagem que seria amado e admirado, se aquilo não tivesse relação real com quem ele de fato era, o “amor” seria pelo personagem e não por sua pessoa real. Ser amado não é uma questão do que somos – é uma capacidade que o outro tem ou não para amar. De qualquer maneira, seria pouco provável conquistar real respeito de terceiros se não houver respeito e consideração por aquilo que se é de fato.

Volta e meia me deparo com críticas de que não deveria dizer tal e qual coisa antes do paciente estar preparado para ouvir. Mas como posso ser eu que determino o que alguém está ou não preparado a escutar? Sempre lembro das histórias de que não se deve contar a uma criança que é adotada, porque não toleraria saber. Deve-se esperar quando ela tiver suficiente maturidade. A experiência mostra que os resultados sempre são desastrosos.

Devemos funcionar como a Censura Federal dos tempos da ditadura que determinava o que as pessoas deviam ou não saber? O povo não está preparado e nem sabe votar, dizia uma grande celebridade. Há quem saiba melhor por nós o que nos convém? É direito de um médico ou de familiares esconderem de uma pessoa que ela tem uma doença grave ou fatal por ela não suportar saber? É ético? É ético um psicanalista perceber algo sério e não contar ao paciente porque ele, analista, decide de antemão, que o paciente não vai tolerar?

Considero, como ocorre com os exemplos médicos do início deste texto, que é direito do paciente saber aquilo que percebemos – afinal, é para isso que nos paga – e igualmente é seu direito ouvir ou não o que informarmos.

o analista está sob a obrigação de falar com a menor ambiguidade possível. De fato, suas metas são limitadas pelo analisando que está livre para receber as interpretações da maneira que escolher. ... quando o analisando vem para análise o analista é obrigado a falar de um modo que não seria

tolerável em qualquer outro enquadre de referência e somente a partir de um vértice específico. (Bion, 1970b, p. 145)

Recentemente tive contato com o texto “Memórias dos Encontros com Sigmund Freud”, de Maryse Choisy (2024), em que ela narra uma entrevista e três sessões que teve com o pai da psicanálise na década de 1920, em Viena. Nada do que ela previra ocorreu. Tudo que ela tinha lido sobre psicanálise e de qual seria o comportamento dele que antecipara pelas leituras não se confirmou. No meu entendimento, Freud não estava preso a regras e convenções – nem as que ele próprio propunha. Ela achava que ele não teria seguido sua proposta de aguardar que o paciente estivesse pronto a ouvir algo ou uma interpretação. No terceiro encontro ele fez uma suposição de que um determinado evento teria ocorrido em sua infância. Indignada, ela disse que seria impossível, sobretudo levando em conta a família que tinha. Freud insistiu e falou: “você já perguntou?”. Depois desse terceiro encontro ela, francesa, voltou a Paris para arrumar suas coisas e retornar a Viena para retomar sua análise. Resolveu perguntar a um familiar sobre a questão que Freud lhe havia proposto e este lhe confirmou! Sentiu-se tão impactada e desnudada pelo olhar de Freud, que a veria em transparência, que não pode mais voltar a Viena e nem retomar a análise. Somente quase 20 anos depois foi possível se reaproximar da psicanálise, tornando-se ela própria uma figura de expressão nesse campo na França. Freud não pensou duas vezes antes de comunicar à paciente aquilo que intuía. O tempo que ela precisou para digerir aquilo que ele lhe disse é que foi outra história. Mas ela não esqueceu o que ele falou e deve ter sido determinante para que depois ela retomasse seu contato com a psicanálise tanto tempo depois.

Há algum tempo, em uma reunião de estudos com colegas, ao relermos um trecho de “Transformações” (Bion, 1970b), uma colega subitamente disse: “acabei de me dar conta de algo que meu analista me disse!” Ela não mencionou o que era e o seu analista já havia falecido há mais de 20 anos.

Considero que psicanálise, tal como propõe Bion na epígrafe do início deste trabalho, só é realmente viável e aproveitável para aqueles

em que o tropismo para criar e ser criado prevaleça sobre os demais. Em outros termos, repito frequentemente para alunos e pacientes que para ser analisada uma pessoa precisa ter um defeito de nascimento: uma necessidade de verdade mesmo que à revelia de si mesma. Minha experiência pessoal explicita que aqueles que tem isso em si permanecem em análise por muitos e muitos anos, sempre em busca de algo novo, mesmo que isso gere espécie. Desenvolvem igualmente uma resiliência para não se dobrarem a exigências grupais e familiares, permitindo-se levar uma vida em que se sentem mais confortáveis nas próprias peles.

Una cuestión de verdad

Resumen: A través de viñetas clínicas, de algunas experiencias personales y del relato de Maryse Choisy sobre su encuentro con Freud, el autor destaca la importancia de que el analista sea franco y verdadero en su trabajo. Considera cuestionable la necesidad de proteger al paciente de aquello que pueda percibir y de comunicarlo sólo cuando el analista considere que el paciente está “listo” para escuchar. Relaciona esta postura con la Censura Federal durante la dictadura, que decidía lo que podríamos o no saber, o con la de los padres que no le dicen a su hijo que fue adoptado, o la de médicos y familiares que ocultan una enfermedad terminal porque el paciente no soportaría saberlo, sustrayendo la autonomía del individuo. Propone, usando el concepto de tropismos introducido por Bion, que el análisis sólo es realmente viable para aquellos pacientes en los que el tropismo de crear y ser creados prevalece sobre el de asesinar y ser asesinados. En sus propias palabras, el análisis sólo progresa en aquellas personas que tienen un defecto de nacimiento: una necesidad de verdad incluso contra sí mismas. Su experiencia personal muestra que aquellos que poseen esta característica permanecen en análisis durante muchos años, siempre en busca de algo nuevo, aunque genere sorpresa. Desarrollan también una resiliencia que les permite no doblegarse a las demandas grupales y familiares, llevándolos a vivir una vida en la que se sienten más cómodos consigo mismos.

Palabras clave: autonomía, verdad, tropismos, resiliencia, consideración por sí mismo

A Matter of Truth

Abstract: Through clinical vignettes, personal experiences, and Maryse Choisy's account of her encounter with Freud, the author emphasizes the importance of the analyst being frank and truthful in their work. The necessity of sparing the patient from what they may perceive and only communicating when the analyst deems the patient "ready" to hear is questioned. This stance is likened to the Federal Censorship during the dictatorship, which decided what we could or could not know, or to parents who do not tell their child they were adopted, or to doctors and family members who withhold a terminal diagnosis, assuming the patient could not handle the truth, thus undermining individual autonomy. Using Bion's concept of tropisms, the author suggests that analysis is only truly viable for those patients where the tropism to create and be created outweighs that of killing and being killed. In their own words, analysis only progresses in those individuals who are born with a defect: a need for truth, even against themselves. Their personal experience highlights that those with this trait remain in analysis for many years, always seeking something new, even if it causes disapproval. They also develop a resilience that allows them not to bend to group and family demands, enabling them to lead lives where they feel more comfortable in their own skin.

Keywords: autonomy, truth, tropisms, resilience, self-consideration

Referências

- Bion, W. R. (1967). *Estudos psicanalíticos revisados (Second Thoughts)*. Imago.
- Bion, W. R. (1970a). *Attention and Interpretation*. In W. R. Bion, *Seven Servants*. Jason Aronson.
- Bion, W. R. (1970b). *Transformations*. In W. R. Bion, *Seven Servants*. Jason Aronson.
- Bion, W. R. (1980). *Bion in New York and São Paulo*. Clunie Press.
- Bion, W. R. (1992). *Cogitations*. Karnac.

Claudio Castelo Filho

Choisy, M. (2024). Memórias dos Encontros com Sigmund Freud (R. E. Franco e J. F. M. H. Bairrão, Trads.). *Revista Brasileira de Psicanálise*, 58(3), 29-36.

Freud, S. (1978). The ego and the id. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 19). Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1923)

Claudio Castelo Filho

claudio.castelo@uol.com.br